

Antología Poética

Vol. I

Consequência De Adversidade

Da

Diversidade

Movimento Vanguarda Huilana – (MVH)



HUÍLA, 2020.

Antologia Poética
Vol. I
Consequência De Adversidade
Da
Diversidade

Movimento Vanguarda Huilana – (MVH)



HUÍLA, 2020.

Ficha Técnica:

Título: Consequência De Adversidade Da Diversidade

Autor: Movimento Vanguarda Huilana – (MVH)

Editora Digital: [Água Preciosa](#)

Texto: Verdana 12

Capa: Movimento Vanguarda Huilana – (MVH)

Revisão dos Textos: Mille Tavares

Exposição do movimento

O Movimento Vanguarda Huilana (MVH) é uma organização conectada por uma variedade artística literária e cultural, oriunda de grupos primorosos, como: Amantes da Arte, Renascer da Arte, Coração do Povo e Movarte-Nambambi.

Foi fundado em 2015 pelos seguintes autodidactas:

- 1- Moderador e escritor/poeta Lidex Âmagó Solitário (*Director do MVH*);
- 2- Músico Manililson Doçura (*Secretário do MVH*);
- 3- Apresentador Osvaldo Manuel Benevid (*Director Adjunto do MVH*);
- 4- Humorista Tchiu-Dji (*Técnico de som do MVH*).

Abarca escritores/poetas, músicos, dançarinos, humoristas e actores teatrais, com os seguintes objectivos:

Geral: entreter incansavelmente por meio de diversas artes culturais.

Específicos:

- 1- Elevar a cultura na Huíla;
- 2- Ocupar o máximo possível a camada juvenil;
- 3- Diminuir o índice de delinquência na Huíla.

O seu lema é:

- Resgatar talentos
- Quebrar preconceitos
- Lutar contra a ignorância.

O se logótipo simboliza a coroa do MVH, e está constituído pelos seguintes elementos:

- 1- Uma coroa, que representa o triunfo na linha da frente.
- 2- Um círculo oval, que simboliza o cérebro dos autores.
- 3- Uma sigla "MVH", que representa a designação do movimento.
- 4- Uma tríade, formada simultaneamente pela letra "M" de Movimento, letra "V" de Vanguarda e letra "H" de Huíla.
- 5- Diversas partículas na letra "V", que simboliza os neurónios no cérebro dos autores.
- 6- Uma placa rectangular, na parte inferior da coroa, com o lema do MVH.
- 7- Quatro cores:
 - Amarela - simboliza a alegria no movimento;
 - Cinza - simboliza o cérebro dos artistas;
 - Branca - simboliza a paz no movimento;
 - Vermelha - simboliza o amor agressivo pela arte.

Sinopse

A presente obra oferece um agregado de quarenta e cinco (45) textos poéticos diferentes, partindo da divergência linguística e estrutural dos poemas até às temáticas individuais que os textos apresentam.

A divergência supra referida, destaca, assim, a peculiaridade de cada autor com um objectivo geral de divulgar que *"a arte literária não é unânime e não se prende a padrões uniformes"*. (*Lidex Âmago Solitário*)

Esta antologia foi feita mediante à labuta colaborativa afincadamente de catorze (14) autores/escritores, entre os quais, uma autora/escritora.

Os textos foram seleccionados cuidadosamente para o total gosto do leitor.

Autores

- 1- **Amada Janete "Crlla".**
- 2- **Amukamba**
- 3- **Cikeve.**
- 4- **Gonçalves Malengue**
- 5- **Jcmm ManMunono**
- 6- **Lidex Âmago Solitário**
- 7- **Ndaka Yhe Sunga**
- 8- **Paulo Dala**
- 9- **Paulo Fernando**
- 10- **Poeta Kambetwa**
- 11- **Poetah Ingratoh Sofredor Casacay**
- 12- **Ramos D'Cassacili**
- 13- **Sly Fox**
- 14- **Teodoro Carlos Simão**

Agradecimento

“Uma coisa comum, a sua eficácia, não depende simplesmente do líder, mas sim, do trabalho colaborativo!” (Lidex Âmago Solitário)

Agradecemos fortemente ao trabalho firme e colaborativo que ostentam os autores/escritores do Movimento Vanguarda Huilana (**MVH**).

E ao prezado auxílio adquirido da Academia de Autores na Huíla (**AAH**).

Dedicatória

Com todo nosso carinho, dedicamo-la ao público/leitor em geral.

Escrevemos pensando na vossa existência, atenção e ao vosso afinho à leitura!

Índice

- I. **Preâmbulo**
- II. **Aliança**
- III. **Mãe!**
- IV. **Exortação**
- V. **Tempos idos**
- VI. **Huíla, terra da mumwila**
- VII. **Cooperação**
- VIII. **Haverá poesia.**
- IX. **Descrição**
- X. **Tu e Eu**
- XI. **A Mão Lançada pelo Povo Enxaguada por Cristo**
- XII. **MINHA PRINCESA**
- XIII. **Parte de mim**
- XIV. **Ser Estudante**
- XV. **Noite de solidão**
- XVI. **Ela era**
- XVII. **Teatro**
- XVIII. **Segunda Bandeira**
- XIX. **ÁFRICA QUE MAL FIZESTE?**
- XX. **Das cartas as TICs**
- XXI. **Briga de Elite**
- XXII. **Alma**
- XXIII. **Amor impossível**
- XXIV. **A Maria Africana**
- XXV. **Deambular**
- XXVI. **O FRUTO DA OBEDIÊNCIA.**
- XXVII. **Literatura do solitário**
- XXVIII. **MELANCOLIA PROFUNDA.**
- XXIX. **Lamentos.**
- XXX. **O vento.**
- XXXI. **Sacana!**
- XXXII. **Céu azul**
- XXXIII. **História da saudade**
- XXXIV. **A Terra Prometida**
- XXXV. **TEMPO**
- XXXVI. **A mais bela entre as milhares.**
- XXXVII. **Sumo**
- XXXVIII. **O PEDREIRO DO AMOR**
- XXXIX. **O que é o amor?**
- XL. **Melancolia**
- XLI. **Grita o tempo**
- XLII. **O Novo Assusta**
- XLIII. **Não me é fácil Poesiar-te**
- XLIV. **Campos vivíparos**
- XLV. **Sociedade Sangrenta**

XLVI. Infanticídio
Galeria Biográfica

0. Preâmbulo

O conceito “Consequência De Adversidade Da Diversidade”, figura o título da Antologia, pelo facto de mesma abarcar diferentes poemas de diferentes autores, com uma diversidade de temáticas e estruturas.

Nesta antologia, o estimado leitor terá o prazer de degustar um conjunto de textos poéticos variados (em prosa e em verso), que acarretam simultaneamente, uma gama de oposições de ideias com as seguintes temáticas fundamentais: tema romântico; decepção; desabafo social e pessoal; anúncio de eventuais situações; humorístico ou anímico à população angustiada; e tema de motivação de sociedades stressadas, sem forças para seguir. É verá um conjunto de diferença na língua (variação formal ou variação informal), que distinguem a particularidade de cada autor, divulgando, assim, que *“a arte não é unânime e não se prende a padrões uniformes”*.

Os poemas estão expostos, alternadamente, de acordo com a ordem alfabética das letras iniciais dos nomes dos autores.

No derradeiro da Antologia, brindamos-lhe com uma Galeria Biográfica, onde poderá conhecer mais sobre os artilheiros autores/escritores da Consequência de Adversidade da Diversidade, e em anexo, verá o fabuloso logótipo do MVH.

Tudo que a antologia contém, foi posto conscientemente!

Boa leitura e interpretação dos diversos textos poéticos que lhe aguardam!

O MVH agradece.

(Lidex Âmagô Solitário)

I. Aliança

As origens descrevem-na
Uma aliança pública
Presidida pelo autor da vida
Um presente salva-vida

Varão e varoa, unindo-se
Por uma aliança!
Não provisória...
Não por convenção
É uma aliança eterna...

Quando o amor é o epicentro
O egocêntrico se torna altruísta
O orgulhoso se torna humilde
Tudo para rosear o coração amado .
Uma aliança eterna
Gruda-os e torna-os Numa só carne
Até que a adversária morte os separe

Casamento, um compromisso eterno
Onde há submissão
Respeito, obediência
Há preparar um banquete todos os dias
Lavar e passar também!

Há cuidar de um ser frágil
Consolar quando chora
Ajudar quando precisa
E suar para prover o pão

Há companheirismo mútuo
Há confidencialismo
Há brandura na voz irada
Há compreensão...

Também há desaforos
Há desentendimentos
Há quedas e perca de forças
Há quase razões para desistir.

Todavia, quando o amor é o epicentro
Há eternidade da aliança
Há levar as cargas pesadas juntos
Há amizade longânima
E sabedoria de achar um ponto de escape.

Há buscar e sempre buscar...
Aquele que cria, abençoa e mantém
A aliança eterna!

(Amada Janete "Crlla")

II. Mãe!

Mãe, quem me dará as respostas?
Mãe, mas por que partiste tão cedo?
Não conhecestes o matrimónio dos teus superabundantes filhos, todos que conheceram o cheiro da lapiseira, a cor do papel e o que é uma carteira, ainda, o que é a voz da educação, a estrutura da escola, o sabor da reprovação e da aprovação

Também, foram certificados, diplomados na orfandade que não sabe ao mel sem ti, Teus filhos, o que dirão aos teus netos, olha, ninguém expressa sua subjectividade com mestria, Quando alguém tenta é navegação no oceano das lágrimas, Santa Kutala! Queríamos estudar para tornar suave a tua velhice, suavizar os calos da tua árdua labuta Tiveste o primeiro filho, choraste a morte do teu primogénito, com todas as tuas forças, Do segundo ao penúltimo vivem cobertos de melancolia, sangraram tua morte, Sem calços nem freios, aquela gravidez saudável levou o Kassule e a ti, mãe, Negligência médica, feiticeiros, bruxos, cavíulas, anjos demoníacos talvez Tenham tornado tua viagem na terra mais curta, repentina, injusta, súbita, Qual foi a verdadeira causa da tua morte. Hrrrrrrrrrr...! Quem me dará as respostas? Aconselhaste-me a olhar a todas as mães como um pouquinho minhas, tu és minha Elas são mães alheias, que me crucificam com os actos preconceituosos enteatizadores, Mãe, quem me dará as respostas? Mãe, mas por que partiste tão cedo? Podes ser nepotista, lá de longe, manda umas doses de protecção Infinitude de bênçãos aos teus filhotes, afinal, nenhuma mãe dá de comer aos filhos pedra, Embalsame nossas inflamadas dores descontentes de tal súbita partida Que deixou a nós sem ti e a ti sem nós, nesta vida cheia de nós Os teus filhos hoje são grandes, cresceram, são alguma coisa e nada sem ti Seus passos estão firmes, convictos de que lá, há uma protecção orquestral, sobrenatural Ser órfão dói, aka mbá! Mimos vendidos prematuramente lá na sepultura Crescemos militares, vida madrasta, vida mãe contigo se foi, odeio-te 2016! Queria aprender mais contigo, todavia, obrigado por tudo, não terei respostas Já não estás cá! Hrrrrrrrrrr...!

Mãe! Mãe! Mãe! Já não estás cá!

(Amukamba)

III. Exortação

Desperte, mãe

A madrugada a espera

Eis que a longa noite já transpusera,

Não corra no desvario

Que seus filhos sucumbem para lá do rio,

Levante

Soe o seu belo canto

Nas cinco dezenas de estrelas

Reluzentes da marcha do mundo,

Seus filhos aguardam pelo seu grito

Quero vê-los segurando o seu leme

No mais alto grito de filantropia,

Renuncie

As vozes da utopia

Que emerge o seu ressurgimento,

Caminhe

E marque as suas mãos na proa

No mais cintilante firmamento.

(Cikeve. 4-02-2020)

IV. Tempos idos

Sistemas distintos
mesmas acção, vivências, só, novos gestores.
(opressão)
Um povo resignado
Amante do obscurantismo

Lá vem ele na mão
a tocha acesa
Tencionando salvá-lo

Mas
o novo incomodou-os
O olhar fixo (manivela travada)

Levou-os a contestarem-lhe.

(Gonçalves Malengue)

V. **Huíla, terra da mumwila**

Acolhedora e valiosa és, Huíla
Com os braços abertos do Cristo-Rei
E a maravilha fenda da Tundavala
elevam seu valor, rainha.

Ó minha Huila
Te vejo clamar segurança
Porque os amigos misteriosos
Desfolham tuas paginas, mumwila

Ó Senhora do Monte
Partilha as bênçãos com sua terra

Mumwila,
Linda e vaidosa
Como a borboleta,
espalhas alegria às ruas da cidade
Com seu belo traje,
Seus lindos penteados
Mostre sua identidade,
Beldade

Seria incompleta suas paisagens,
Huíla
Sem esta negra mumwila

Ó mamã,
Console e alimente seus filhos,
Com gotículas sangrentas na periferia dos olhos,
Gritam;
Mamã ondjala yavala...

Linda como é,
Não se ser sofrer
Que o seu ventre, seja fértil
Como sua filha Humpata
Que suas palavras sejam claras
Como o belo grão, Kipungu.

Huíla, terra da mumwila.

(Jcmm ManMunono)

VI. Cooperação

A acção de coadjuvação
Gera bastante Motivação

Foco acima de tudo!
Guerrilheiros angolanos
Simbólicos cidadãos huilanos.

Com a vossa colaboração
Disto eu não divido
O efeito é a perfeição.

Chegaremos lá
Pois,
Isto é uma doação
De entrega e paixão
Vinda do real coração
Foco, foco, foco!

(Lidex Âmago Solitário. 4-04-2020).

VII. Haverá poesia.

Enquanto eu viver, Enquanto das tuas carícias
Depender, haverá poesia

Enquanto existir nos teus olhos Este brilho comparado com
as Estrelas, haverá poesia

Enquanto chamar-se de amor o que sinto por
ti, galos cacarejarem em
Cada madrugada, nuvens
Existirem, o sol for azul, Enquanto as ondas do mar
flutuarem para nossa direcção
Existir sempre tu para
Completar meu coração,
Haverá poesia

Enquanto o sol brilhar
Para o dia e a lua para
Noite, enquanto nosso amor tiver forças que nem
Um rinoceronte

Enquanto na minha viagem seres o caminho que hei-de
Caminhar,
Mar que hei-de atravessar,
Fronteira que hei-de cruzar,

Enquanto existir tu para me
Consolar, acarinhar e abraçar, haverá poesia

Enquanto o teu sorriso for
Mais puro que o verde da
Natureza, enquanto a rosa mais bela não se comparar à tua
beleza,

Enquanto pássaros na selva cantarem, árvores
Por falta de água chorarem

Enquanto pássaros para abrigarem seus filhos precisarem de
ninho, haverá poesia..

E por mais que o passado
Viaje até o presente
Para prejudicar o
Futuro

Ainda que se apaguem
As luzes do mundo e ficarmos no escuro,

Por mais que os homens
Perderem a esperança
E não existir fé nem nos
Olhos de uma criança, -

Haverá poesia

Ainda que tirem tu dos meus braços,
Assim, não poder mais seguir
Os teus passos

Ainda que não haver ligação entre nossos
Corações e existir
Sempre intrusos perante
Nossas interacções

Ainda que a música mais
Bela perder a sua
Melodia e dos músicos
Assim carregarem sua
Alegria

Por mais que perder as
Frases, do caderno e
Esferográfica eu ficar
Distante, ainda assim,
Haverá poesia

Enquanto tiver forças e
Voz para o mundo declamar
Enquanto por ti me apaixonar

Enquanto ventos soprarem crianças por verem seus pais se
alegrarem

Enquanto sentir algo e tiver voz para dizer: Te amo!
Haverá poesia!

(Ndaka Yhe Sunga).

VIII. Descrição

Ó santa Huíla
Que fama tu tens!
Que de Cabinda ao Cunene
Todos só falam de ti

Cidade santa
Cidade linda
Cidade do conhecimento
Que fama tu tens
Ó santa Huíla!

No verão a tua temperatura
Brotam um suspiro agradável
Favorável
Ao povo nativo

Com a tua irmandade
De braços abertos estás Cristo-Rei
Amparando quem quer que seja
Mas com o fim da edificação
Compreensão
Requalificação
Da santa cidade.

Oh Santa Huíla! Que fama tu tens?
Com a beleza que tens
O teu povo exalta
A grandeza da tua beleza
Desde o Miradouro
Barragem das Neves
Cascata da Huíla
Sem esquecer o Cristo-Rei
Que já mais esquecerei!

Oh!
Província fria
Sinto orgulho de viver
Sinto sede e vontade de beber
A água da Chela da Huíla

Povo ignorado por muitos
Acolhidos por poucos
Como diz as escrituras:
Muitos são chamados
Poucos são escolhidos -

Oh Santa Huíla! Que fama tu tens?
Olá Poetas! Vamos ao Kipungu
Okó kuli epungu
É a terra do grão branco
Onde reina kundi Paihama
Huíla, terra abençoada por Cristo-Rei

Oh Santa Huíla! Que fama tu tens?

A norte, a mãe Kilenge
Com a sua famosa cobra mágica
Às noites produz iluminação
Ai! Munda yovambo
A sua população
Alimenta-se nos crânios humanos!

A sul, a vizinha Chibia incansavelmente nos empanturra
com a carne e a batata
Da famosa kalombatata.

A este, a neta Kipungu
A famosa terra do grão branco

A oeste, a filha Humpata, com a sua água da Chela
Proveniente da estreita Tundavala
Terra do saboroso Omavele.

Oh Huíla! Que fama tu tens!

(Paulo Dala)

IX. Tu e Eu

A arte do amor
O sentido dela
Somos aquela cor.

O mais e o menos infinito
Somos aquele grito
E aquele clamor.

Tu e Eu
O imperfeito e o perfeito
A minha imperfeição aperfeiçoa-se na tua perfeição.

Somos um só coração
Andamos juntos
E vivemos em união.

Tu e Eu
O silêncio do grito
O contralto e o barítono
Somos o atriccto e o mármore
Diferentes, mas ambos da mesma espécie.

Tu e Eu
O canto e o encanto
Cantamos e encantamos
Somos o eco da alma
A música e a fama
Amigos do peito
Amantes na cama.

Tu e Eu
O norte e o sul
Este e oeste
Na verdade, somos este presente
Somos a vida e a morte
Andamos e vivemos da sorte.

Tu e Eu
Somos a paixão,
Somos a acção.
A batida da música mais ouvida,
Somos a certeza e a dúvida.

Somos a paz e a guerra,
Sem um, não há outro.
Somos o cedo e o tarde,
O complemento da outra metade.

Hoje eu sou como tu,
Porque tu e eu somos eu e tu!

(Paulo Fernando).

X. A Mão Lançada pelo Povo Enxaguada por Cristo

Está a quinhoar no seguinte ponto:

Mapeamos esboço

Do outro...

Sem esforço

Valemo-nos de aparência

Pela experiência do outro

E quanto a criatividade

A mente não passa de um esgoto.

Do outro reponto...

De nós conto...

Mas de mim...

Eu escondo

O vento nunca é favorável

A todos do mesmo modo.

(Poeta Kambetwa)

XI. MINHA PRINCESA

Invejo este teu olhar.
Brilhante e encantador.
Sinto o cheiro do teu amar.
Alimentando o meu coração pecador.

Estava totalmente enganado.
Ao classificar tua personalidade.
Meu cérebro estava amarrotado.
Engomaste-o com a tua maturidade.

Tua força me motiva.
A lutar contra o mundo.
Teu sorriso me cativa.
Tua voz sedutora me deixa surdo.

Com teus gritos não me zango.
Teus dedos acariciam minha pele Rangel.
Admito que já sou teu panco.
Tua beleza me fará comprar o anel.

Teu falar é minha receita.
Tuas palavras me hidratam.
Teu beijo me alimenta.
Por isso, as irmãs da tua boca te invejam.

És tu, minha rainha.
Tua coroa está no meu coração.
Serás a dona da minha cozinha.
Contigo vou me manter em união.

Não importa o que vão dizer.
Já está aberta a taça de champanhe.
Te escolhi como minha mulher.
Minha sogra será tua mãe.

Farei de ti a minha metade.
Mesmo se alguém me destruir.
Gritarei socorro à felicidade.
Para contigo novamente me unir.

Sou fã da tua beleza.
Teu amor é uma armadilha.
Tua inteligência alimenta a natureza.
Nela encontramos o ar puro de uma família.

Saúde abundante no lar.
Nós vamos conseguir.
Felicidades vamos conquistar.
Com Deus nosso amor vai evoluir.

(Poeta Ingrato Sofredor Casacay).

XII. Parte de mim

Às vezes eu acho...
Que nasci para te amar
Pois não fico uma noite
Sem lembrar o teu caminhar

Às vezes eu acho...
Que vivo para ti
Porque a tua ausência
Atormenta o meu viver

Às vezes eu acho...
Que nasci para te amar
Pois, quando penso em ti
O mundo pára ao meu redor

E é por isso que acho
Que não vivo sem ti
Sei que não nascemos no mesmo jardim
Mas desde o dia em que te vi
Te tornaste parte de mim.

(Ramos D'Cassacili)

XIII. Ser Estudante

Não é só difícil, trabalhoso
Mas também, gracioso.

Não é só irritante
Importante
Mas também, desejante.

É ser um lutador
É ter um adversário para vencer
É estar concentrado
É estar preparado
É mandar viver!

Ser estudante
É viajar para outro mundo
É viver uma aventura
É navegar na sabedoria científica
Mesmo que pareça uma loucura
É ser amante da ciência, sem cura!

Ser estudante
Não é só ter o norte do sucesso
Mas também, o sul do fracasso

É viver num mundo de pesquisas
Conquistas
Dedicação
E experimentação.

(Sly Fox. In Solansiedade)

XIV. Noite de solidão

Na noite passada cruzei-me
com o amor;

Bateu a porta que nunca se abriu,
carregava a chave da felicidade,
quebrava os cadeados da amargura e
trazia-me paz e tranquilidade!

Na noite passada afundei-me num sonho que
não queria mais acordar
onde a solidão estava
rodeada de pétalas cor de rosas,
e a traição era um mar de desejos
e quando o amor
acaba, não
traz tristeza
nem solidão,
traz só paz e paz

Na noite passada eu vi a morte
pedindo perdão a vida!

Na noite passada eu vi pobres e miseráveis
gritando e pulando
numa cidade onde as ruas são
de ouro e de cristal, pois
diziam com lágrimas nos
olhos; A
antiga vida já passou!

Na noite passa, sonhei;
Como uma estrela-d'alva, como
um poema declamado por Deus,
como uma música cantada por anjos,
como a beleza de um oásis, foi assim
que ouvia a voz dos
meus pais dizendo, "filho, nós
não somos pobres, somos ricos, somos milionários e todo
sofrimento que vivemos era
apenas para te ensinar a ser
humilde, logo,
vi o meu corpo
trajado jóias!

Na noite passada sonhei com um
mundo em que
a inimizade
é um mar de rosas,
a corrupção é o melhor emprego e
matar é uma honra, ai que dor! -

Na noite passada sonhei com uma
mulher que tinha
uma aparência perfeita como
a de Eva e um
carácter que inspirava
virtudes como a de Ruth,
ela confessou amar-me e eu derretia no
seu carácter mais
puro que o ouro,
ela trazia a
perfeição do
mais belo paraíso!

Por apenas uma noite de solidão!

(Teodoro Carlos Simão)

XV. Ela era

Ela era apenas uma bebé
Não comprada na maternidade
Pois, em casa mesmo nascera
Como todo o bebé
Fora nomeada no ventre
Mas quem diria
Que nasceria
Justamente nesse mês e dia...

Ela era apenas um bebé
Ninguém imaginou que...
Aprendendo, viveria
Vivendo, cresceria.

Ela era...
Aos poucos ficou menina
Cheia de vida, d'alegria, de barulho
Sorridente, medonha, a florir...

Ah! Como a inocência é pura!

Quando a dor florescente chegou...
Ah... a vida ficou estrada da Leba...
Havia a incerteza, o medo pranteava.
Os sonhos ficaram anulados!
A alegria, sorriu para a tristeza
Oh! Desastre! Mas ainda assim,...
Ela era adolescente!

Os amigos sempre foram feitos de madeira!
Amava a tinta azul!
Seus pés, caminhavam firmes...
Sabiam o seu destino, a oficina de valores!

Aspirava chegar ao cume
Sem mais medo de dormir ao lume
Somente poder saciar a mente
P'ra abrigar o troféu
Que lhe valeu a robustez da vida!

(Amada Janete "Crlla").

XVI. Teatro

Atiraram a 1ª, 2ª, 3ª pedra
padre e madre
catequistas
leigos
infiéis
sociedade
próximos e distantes
TODOS!
MAS
amor, verdade
e seus discípulos
NÃO!

(*Amukamba*)

XVII. Segunda Bandeira

Levou a primeira bandeira
A nuvem sangrenta,

Mas ficou ainda...
Ficou uma nódoa preta na lavoura
No ventre dos homens
Que pariu granadas d'alma
Boca vaga
Que sopra cardeal
A segunda bandeira.

(Cikeve. 11-03-2020).

XVIII. ÁFRICA QUE MAL FIZESTE?

Ó África, o Nilo transborda, desde a nascente à foz, águas
ensanguentadas, Os deuses contemplam o sofrer dos teus
filhos lá no alto do Kilimanjaro, Os teus filhos gritaram
liberdade em 60

Hoje gritam por angústia e sofrimento

Talvez seja por isso que Maomé fugiu de Meca para Medina

Que nostalgia dos teus filhos que lutaram para o bem comum

Madiba

Nguxi

Savimbi

Nkruma

Nherere

Sese seko

Lumumba.

Que os deuses lá no além celebrem vossos feitos!

De berços metamorfosearam -te a túmulo

De riquíssima passaste a paupérrima

Já não respiramos os ares puro do teu Mayombe

Ó mãe África, entre tuas paredes já não se vive

Razão pela qual emigramos para Tia Europa

Faça Deus cair a luz sobre nós

Ou não testemunharemos seu retorno!

Ó África, santa porra, que mal fizeste?

(Gonçalves Malengue)

XIX. Das cartas as TICs

Das cartas às tics,
nosso amor é sólido,

Antes, com caneta
falamos,
Nas ruas nos
abraçamos,
São beijos trocados,
Sentimentos
partilhados.

Hoje, da rua às tics.
Multiplicam-se as
notícias,
Elevam-se as emoções
Temos um só coração.

Nos amamos 24 horas,
Sem tempo para
tristeza,
Corre em mim,
Vontade de te amar
Te acariciar
Vontade de te ver,
Te ouvir,
E ainda te sentir.

Quem me dera te
investir.

(Jcmm ManMunono)

XX. Briga de Elite

Quatro mais uma casa
No âmago
De um absoluto poço
Repartido com crostas
Em três mais duas gigantes covas.

Pólos com sorrisos!
Pólo este
Pólo oeste
Pólo sul
Pólo norte

Pólos ficam sem sorrisos
Insípida morte
No pólo norte
Susto no pólo este
Sorrisos apenas no pólo oeste
Ansiedade no pólo sul

A morte do pólo norte
Chega, consome o pólo oeste
E mata o pólo este
Já não há sorriso no pólo oeste
O pólo sul fica trancado em casa

O sorriso volta ao pólo norte
Todos os pólos ficam com o trauma da terrível morte!

(Lidex Âmago Solitário. in Solansiedade)

XXI. Alma

Pai nosso que Estás nos Céus, santificado seja o Teu nome
Venha a nós o Teu reino e seja feita a Tua vontade, e seja feita a Tua vontade!

Antes demais, peço-Te que me perdoes e que não Olhes no número de vezes que pequei

Pelas vezes que julguei estar arrependido, mas num fechar e abrir de olhos deixei-Te outra vez arrependido;

Peço-Te que me abrace e Purifiques minha alma, pois, sinto-me preso numa profunda escuridão onde meu ser carece da Tua palavra;

Sinto-me bandido, pois, eu firo, roubo e mato, a Ti prometo oferecer aquilo que nem eu mesmo tenho, só para estar perto da minha irmã;

E com ela, criamos uma torre tão alta, onde nela alimentamos o corpo e não a alma;

E eu pecador que sou! Prendo-a nas minhas palavras, fazendo-a vítima das minhas próprias acções;

Recheio o mundo dela de anedotas, músicas lindas e nas tardes, brindo-a com minha companhia, mostrando-a frases lindas na voz de uma poesia!

Coitada da minha irmã! Tão fácil se deixa elevar, prende-se a mim porque bem falo, bem visto, tenho ser meio calmo e pela sociedade sou bem visto. Somos tão iguais!

Ó Pai! Hoje vim orar para o meu irmão que bebe e banha das águas da perdição e a cada dia lhe é dado uma nova missão;

Vim, também orar para meu pai, que lhe é visto como pastor e quando triste estou lhe é dado missão de aliviar a minha dor;

Somente Te venera no altar, e depois do culto, suas palavras são que nem as minhas;

E o que mais me comove, é que sem vergonha, ergue a cabeça e num tom de voz bonito diz: PERDOAI AS NOSSAS OFENÇAS ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO!!. Somos tão iguais.

Minha alma é somente Tua, daqui em diante, quero ser escravo de um único amor incondicional que o mundo tem "Deus"

Deixarei de ser aquilo que o mundo quer que seja e, de Vós, serei totalmente diferente, de frente, estarei quando o mundo clamar por Paz, amor e lealdade;

Quando o ter e o não ter serem irmãos e se possível partilharem um só coração; -

Pai nosso que Estás nos céus, santificado seja o Teu nome, venha a nós o Teu reino e seja feita a Tua vontade assim na terra como nos Céus, o pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoa as nossas dividas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Somos tão iguais.

(Ndaka Yhe Sunga).

XXII. Amor impossível

Ai! Tchivole, ensina-me só como te amar
Humano que sou
Amei-te com amor dos humanos
Amor dei-te
Carinho dei-te
Atenção dei-te
Até mesmo o kwanza dei-te
Dizia eu estava completo
Para estar contigo

Ai! Tchivole, ensina-me só como te amar
Tentei me encarnar
Em animal-cão me tornei
Em casa ou na rua
Não me importava
Onde quer que seja
Acariciava-te
E dava-te
Amor todos os dias
Mas tudo isto não te chegava.
Que dor e raiva eu sinto
Quero-te amar mas não consigo.

Ai! Tchivole ensina-me só como te amar
Não seja astuta
Ensina-me só como te amar
Ai! Se eu soubesse o amor dos anjos
Dar-te-ia
Entregava-te
Tudo só para te ver feliz.

Ai! Tchivole ensina-me só como te amar
Fingias que me amavas
Dizias que o problema está
Nos meus familiares
Mas não, o problema está em ti
Lavaste-me com a água da moquenha
E bateste-me com saioite preto

Inocente que fui
Fazia e cumpria
Tudo do seu critério
Hoje terra sou
Pai - mãe
Irmã - irmão
Tia - tio
Prima - primo
Não fazes justiça contra ela
Apenas esperemos justiça do senhor!

(Paulo Dala).

XXIII. A Maria Africana

Ai Maria...
Maria, me matou.
Tirou a minha dignidade, hoje eu fico a lavar a sua roupa interior.

O meu erro foi lhe amar tanto,
Deixei a primeira para estar consigo.
Hoje você é meu castigo.

Maria, você não só me estragou!
Estou preso a si com essas correntes que só me traz dor.
Você também me condenou.

Não consigo mais passear.
Vestir-me bem e outras mulheres conquistar,
Só me quer em casa e a cozinhar.

Ai Maria!
Maria, por quê fez isso comigo?
Na verdade, eu era ponta,
Mas não merecia este castigo.

Eu lhe dei amor e atenção!
O que faltou, então?

Maria você mudou o meu coração,
Nos meus filhos já não presto atenção
Ai! Que maldição!

Trata-me como seu boneco,
Além da minha família,
Também perdi o meu sossego.
No meu dinheiro já não toco,
Assim que recebo lhe entrego todo.

Maria, você me matou...
Porque fez isso comigo?
Se por si fiz um sacrifício,
E lhe amava, acima de tudo
Tinha tudo
Mas decidiu me palear.
Para ser apenas seu,
Decidiu me cozinhar.

Ai Maria!
Maria africana,
Maria angolana.
Toda morena que tinha o feitiço por baixo das pernas.

Maria, você me matou!

(Paulo Fernando).

XXIV. Deambular

Andamos a vaguear
Destinados a flutuar...
Mas nenhum dos meus parece estar
E, mesmo assim, o segredo a seguir
Que nos dizem, é confiar.

Acabaram a agonia
De viver em harmonia
O mundo aplaude
E diz, nada está em dia.

De dia e fala o que não se ouve
De noite não se fala
A noite é a escala
Do descanso das almas

Aba estende as mãos para a salvação das almas
E, o mundo não se agrada, mas bate Palmas
Mas na calada da noite
Quando o obscurantismo medonho nos espanta,
Já não baterás palmas
Saberás que só clamas
Aquele que antes ouviste que Salva.

(Poeta Kambetwa)

XXV. O FRUTO DA OBEDIÊNCIA.

No caminhar da vida.
Matei toda minha vaidade.
Construí uma mente nutrida.
Ganhando um sentimento de solidariedade.

Deixei de lado a ilusão.
Coloquei uma meta em minha frente.
Dei valor na existência de cada irmão.
Que me considerava um ser incompetente.

Meus pobres pais não tiveram.
Em suas gavetas uma licenciatura.
Mais em mim sempre abasteceram.
Bons princípios para uma vida madura.

Na adolescência da minha burrice.
Com ignorância produzia meu próprio veneno.
Jovem me tornei, deixando todo meu ser, parvoíce.
Para não herdar o sabor quente do inferno.

Então, à minha família me entreguei.
Honrar os meus pais está na bíblia.
A Deus meus pecados confessei.
Finalmente encontrei o brilho da alegria.

O meu ser se transformou.
No pensamento embriagado da minha seriedade.
Hoje Deus me mostrou.
Que eu preciso ser obediente, para não ter data de validade.

Então, deixei de criticar.
Os efeitos e mandatos dos meus pais.
Novos e humildes comportamentos comecei a transportar.
Na desobediência eu disse, não volto jamais.

Queria também ser velho.
Hoje graças a obediência eu sou.
Queria também ser útil e dar conselho.
Graças para me ouvir, alguém senta e conselho eu dou.

Este é o fruto da obediência.
Algo que eu sempre quis.
Foi preciso força, fé e paciência.
Para eu ser velho com rosto jovem e feliz.

(Poetah Ingratoh Sofredor Casacay).

XXVI. Literatura do solitário

Apenas os livros me entendem
No alvorecer da solidão
Quando todos os sonhos se perdem
No enceto da escravidão
Apenas os livros me entendem

Na amargura do coração
E no abusar da mansidão
No choque até então
E no tahoma da multidão
Apenas os livros me entendem...

Na insignificância do amar
E na doença do querer
No desejo do abraçar
E no medo do não aparecer
Apenas os livros me entendem...

Na literatura da paixão
Nas narrativas da emoção
Quando as esperanças padecem
E o mundo se desentende
Apenas os livros me entendem...

(Ramos D'Cassacili).

XXVII. MELANCOLIA PROFUNDA.

São tantos anos de estrada, que já não sei o que faço
Sofrimento não pára, também cansei do fracasso
Escuridão sem brilho, porque da dor eu abraço
De filho sem rumo, é o papel que faço.

Grandes alturas escalamos, mas mesmo assim, não chegamos
É tanto tempo de trabalho, não sei porquê que nunca
achámos.

Os tempos se foram, mágoas vivem no corpo
Lembranças ficaram, e sofrimento no rosto
Talvez não chore, mas dói
Talvez não diga, mais sinto.

Só retrocesso de vida, do sofrimento sou alvo
Como é que muitos cometem, e eu inocente é quem pago
Dizem que é justo, praticam, depois eu sou condenado

As vezes chorando, me pergunto o que faço
De seguida respondo: estou condenado e da má vida não
escapo.

A mais velha dizia: sucesso vem do fracasso
Filho, aposta o que tens e vai a busca dos sonhos

A fé da mais velha é que faz com que eu me levante
Eu pegando a caneta nas linhas não descompasso
E mesmo com as trevas, componho aquilo que passo...

(Sly Fox. In Solansiedade)

XXVIII. Lamentos.

Não, mãe!
Não, minha mãe!
Não, não, não
minha mãe, tu não
és culpada!
Tu não és culpada!
Sempre disseste que eu serei doutor,
descartaste os meus fracassos e
gritaste ao
mundo que eu
sou um vencedor!

Hoje a vida me cobra
os teus desejos e sonhos
e o meu futuro
anda nu como a
pobreza,
se vende ao mundo como uma
prostituta e tudo
que sonhaste para
mi, tornou-se
num mar de espinhos
que me tortura a
alma e tira-me
a calma!

Tu não és culpada, mãe;

Ai minha mãe, as tuas
lágrimas caem
como o fogo que destruiu
Sodoma e Gomorra, é
necessário que eu morra para
não continuar nesta desonra!

Tu não és culpada,
minha mãe!
Não mãe, não és!

Dou-te migalhas no lugar de ouro!
Dou-te uma cubata de lata, no
lugar de um palácio!

Os teus sorrisos foram
substituídos por
prantos e muito
sofrimento e deste
meu intelecto putreficado nascem
vermes e fedem ao mau cheiro
da pobreza! -

Mas! Tu não és culpada,
mãe;

Espera aí, ouça-me
nem que for por um segundo;

Sim, sou doutor;
Licenciei-me no sofrimento da vida,
fiz o mestrado em solidão, e por
fim, fiz o doutoramento em
misérias constantes!

Não, mãe, eu me
recuso em aceitar!

Tu não és culpada das
misérias que
a vida sem
pena preconizou para mim,
tu não és culpada!

É necessário, minha mãe, que haja fracassos para
que aprendamos
que a vida não é só feita de
sorrisos, as
lágrimas e a dor também
fazem parte dela...

(Teodoro Carlos Simão)

XXIX. O vento.

Senti o vento tocar-me o rosto
Vi-o manso, alegre, bem disposto
Sua leveza, tocou-me o coração
Fechei os olhos, ouvi uma canção,

Canção melodiosa, serena
Que entrou profundamente na'lma
E trouxe paz à morena
Que tinha tempestade na'lma

O vento, visivelmente invisível
Contemplá-lo, uma mística aventura
Senti-lo, um encanto prazeroso

O vento purifica o ar que respiro
E num suspiro suave, meigo
Refrigera o meu ser, renova o meu viver.

(Amada Janete "Crlla").

XXX. Sacana!

Ó sul,
rio de kwanana
Converteste-me sacana
nisto
nada!
vida droga
ébria
ceguei
tacteio
cadê o norte
saudade!

(*Amukamba*)

XXXI. Céu azul

Além se estende o céu preto
Nem sol nem lua nem estrelas
Só céu preto,

Nem brancas nuvens nem pretas
Nem chilreio nem ondas,

Só céu preto
Nos olhos na palma na vaga imaginação.

(Cikeve. 11-03-2020).

XXXII. História da saudade

Ela,
Vinha sempre para mim
Com ela, sua prima solidão.
Aproveitando o silêncio.
Silêncio de minha alma,
Destruindo o coração vazio.

Sempre que vem,
Tremia o corpo
Caio logo em pensamento
Num instante, sua imagem,
Imagem em mi tatuada.

Quando vai,
Evidenciam os batimentos
Do meu coração
E bate, bate,
Tudo porque verei você,
Da imagem a real.

Triste,
Caio em depressão
que me faz olhar,
E nada dizer,
Fico mudo,
E tímido, a vergonha toma conta de mim.

Ai que solidão,
Viro, e sinto a saudade
Trazendo você na mente.

(Jcmm ManMunono)

XXXIII. A Terra Prometida

Esta é a terra santa prometida!
Recheada de beleza climatizada
Relevos arquitectónicos
Resultante de riquíssimas cordilheiras
Obra gigantesca da mãe natureza.

Do cérebro escorre o miolo
Kakuluvale e Mukufi
Rasgam a fácil, doce pura cidade
Incansavelmente embebedam a serpente Kunene
Aquela... vítima passageira do irmão Kunene.

Da boca sem saída, suspira
Calmamente e levemente
O ar típico da zona da vala
Tundavala!
Oxigena a menina vizinha estreita Bibala.

Esta é a terra santa prometida!
De lá... da corrente forte Niger-Congo
Deus seleccionou!
Para terra prometida enviou
A Sua imagem e semelhança preta nativa.

Hoje, Twelinyaneka e somos chamados Mumwila
Espalhados em todo território
Meu lindo doce povo Mwila
Actual cara postal
Da bela educada cidade Lubango. -

Até para os antigos brancos madeirenses
Esta foi a terra santa prometida!
De braços abertos
Deus seleccionou-lhes à árdua missão
E enviou-lhes para a doce, fina e linda civilização.

Em gratidão pela recepção e aceitação
Hoje nos beneficiamos da oferta,
Bela gigante estátua da liberdade
Livre na atmosfera da serra
De braços abertos, Cristo Rei, Redentor.
Com coração no centro,
Sé! A bela, meiga Catedral.
Esta é a terra santa prometida!

(Lidex Âmago Solitário. 01-2020).

XXXIV. TEMPO

Quem crê diz o tempo
Gritos
Choros
Lamentos
Do santo cruel vírus
Quem não viu?
Quem não ouviu?
Quem não viveu?
Do insulto covid-19.

Quem crê diz o tempo
Ai! Que triste situação
China
América
Itália
Portugal
Sem falar da África
Continente doente desde o tempo passado.

Onde estão as vossas forças de poderes e tradições
Buda
Alá
Mohamed
O famoso faraó
Mamã Muxima
Que nos acudam do surto covid-19.

Hoje quem pensa mais em fazer
Moda
Beleza
Prostituição
Assassinato
Se o mundo está amargo
Ai! Que dor eu sinto
Igrejas encerradas
Homens por trás das igrejas
Para que pelo menos
Ouvisses palavras
Consolo
Conforto
Perdão
Arrependimento

Infelizmente estão encerradas
Mas, contudo, não é o fim.
Apenas princípio da dor
Quem crê diz o tempo.

(Paulo Dala).

XXXV. A mais bela entre milhares.

Moça! As minhas palavras não conseguem descrever a
beldade que tu és.

Nossa! Sou poeta e penso muito,
mais quando se trata de ti penso tão pouco.

Me limito em ver a mulher que tu serás,
Me contento em ver a mulher que tu és.

Percebe! Não se trata daquilo que tu foste.
Entende! Que se trata da beldade que te tornaste.

Sendo cego consigo ver, estando surdo consigo ouvir,
mesmo mudo vou dizer o quanto tu és para mim.

Significas mais que o significado,
Pois para mim, tu és um recado bem dado.

És o motivo que emotiva o meu dia
Tu és o canto e alegria

Tenho-te como um mérito
Está dito e escrito
Quando te conheci tornei-me bendito.

Chamam-me nomes por te admirar
Poeta fulano, poeta sicrano...
Mais por te amar, podes chamar-me de beltrano.

Queria dizer tanto e escrever pouco,
Mais prefiro o inverso, escrevi muito e disse tão pouco
porque te amo além do universo!

(Paulo Fernando).

XXXVI. Sumo

Mantemo-nos silenciosos no oculto
Porque o mundo não oferece tudo
Corremos de um lado para outro
e os passos, nunca parecem estar seguros.

O povo chora por falta de tudo
porque crêem a quem não tem tudo
nem tão pouco, o escudo
Lutam por tudo e, com tudo...
contudo Se tornam surdos.

Dirigem-se uns aos outros
em busca do sustento aos primórdios
Optam pelo que é visto e desejado, mas quando provado,
comprova-se que tudo não satisfaz. Rapaz, por esta via, não
há paz
Jovens e papás, lutar por tudo não vos traz paz, pois, o mundo
não é capaz, mas cada um será capaz, se aceitar a sua paz.

Não se valha pelo sumo que tomas para animar os seus dotes.
Mas consome o Sumo do Divino para ser competente,
inteligente e sacerdote... pois, Ele é Sumo-Sacerdote.

(Poeta Kambetwa)

XXXVII. O PEDREIRO DO AMOR

Ao fazer o Alicerce.
Suportando todo sofrimento.
Do cabouco que não envelhece.
Para fortificar o nosso relacionamento.

As invejas pesadas no momento.
Eu consegui suportar.
Como são cada saco de cimento.
Que estão sempre a pesar.

No sorriso das suas palavras.
Eu ganhei a força de encher o pilar.
Em cada balde de britas e areias.
Eu enchi meu coração de betão para te amar.

O PEDREIRO DO AMOR.

Construí com a verdade.
As paredes do nosso amor.
Dediquei-me a ti com honestidade.
Para apreciar a tua negra cor.

Transportei tua Beleza.
No meu próprio carro de mão.
De adobe fiz a nossa casa.
Sem se importar com a ilusão.

Transformei-te em madame.
Respeitando todo seu defeito.
Com ajuda do andaime.
Fiz a nossa felicidade falar mais alto.

O PEDREIRO DO AMOR.

Te quero nos meus sonhos.
E nas minhas realidades.
Far-te-ei dar à luz por nossos anjinhos.
Por seres a original de todas as belezas.

Eu vou estar consigo.
Na tristeza e na alegria.
Além de esposo, serei teu amigo.
Para vivermos sempre com harmonia.

Eu sou fã das tuas roupas perfumadas.
Do teu sorriso encantador.
As paredes de casa já estão pintadas e rebocadas.
Para viveres nela com este teu pedreiro do Amor!

(Poeta Ingrato Sofredor Casacay)

XXXVIII. O que é o amor?

O que é que sabes a cerca do amor?
É um estranho sentimento que brota como calor
É uma doce sensação que germina com pudor

Quando não correspondido
É um cárcere do Monte-Cristo
É um olho que perde a visão
É uma lança que atravessa o coração

O amor é uma doença cuja cura não existe
É um dom, mas erótico é uma peste

O amor é o caminho e a perdição
É bênção e maldição
É a vida e a morte
É a sexta-feira treze e é a sorte,

É a brisa e o furacão
É a mistura impossível do coração

O amor é o definido indefinível

Isso é o que sei a cerca do amor!

(Ramos D'Cassacili)

XXXIX. Melancolia

Escura e sombria noite envolveu-me
Sentimentos adversos abraçaram-me
Na flor da pele se via
Com nitidez sorria
Melancolia

Senti pesados meus membros
Paralisados pela amarga dor
Inactivaram-me os pesadelos
Nem mais se ouviu o meu clamor

Gotas de sangue jorravam
Minh'alma clamava
Alegremente cantava
Melancolia

Senti os espinhos entrando
Tive prazer na dor
Cantarolei chorando
Descobri num dia de calor
O frio intenso do inverno
Vi num dia ensolarado
Um céu nublado

Melancolia
De mim te apoderaste
De mim não tiveste dó
Da inimizade fizeste amizade
Envolvendo-me toda em ti
Melancolia.

(Amada Janete "Crlla")

XL. Correm os gritos

Correm,
Correm a/os gritos
O tempo

É noite
O amor

A musa
A dor

Sucumbiu a vaidade
O pão
Única verdade

Ténue linha
Do amor
Da dor

(Cikeve, 14/12/2019).

XLI. O Novo Assusta

Concordo
O novo assusta!
Vejo cidadão pacato
Ansiosamente na disputa.

Homem patriota
Arriscando vida
Tudo pela salvação
De outra vida.

Um sentimento de irmandade
Pairando no núcleo de acção
E na periferia da cidade
Apelando a doce precisa protecção
Com calor duro de serenidade.

Outro sentimento de protesto
Grita na voz humilde miserável
Pairando intenso susto
Pensamento de sobrevivência
Massacrando a presente paciência
Consumindo o espaço da convivência.

A voz grita
Povo finge
A mente não percebe
Ouvido não escuta
O novo assusta!

(Lidex Âmago Solitário. in Solansiedade).

XLII. Não me é fácil Poesiar-te

És um enigma...
Que tanto me encanta.
É-me prazeroso descobrir-te,
A cada dia conhecer-te,
E sempre admirar-te.

Não me é fácil
Poesiar-te.
Carregas o fardo leve,
Que a este bravo homem confiaram.
Carregas traços das batalhas,
Que te fizeram herói.
Mesmo quando esmagado voltavas,
Aprisionavas o sorriso em ti.

Não me é fácil
Poesiar-te.
És a sensibilidade,
A mansidão, a humildade
Que o diga o teu nome!

Não me é fácil
Poesiar-te.
És da sabedoria confidente,
Embora o rejeites,
A ti, o título pertence
Ilustre, inteligente!

Não me é fácil
Poesiar-te.
Carregas a beleza dos astros.
A calma da brisa...
O encanto da natureza,
A suavidade do vento.

Não me é fácil
Poesiar-te.
És um lar para todos,
A alegria dos que choram,
A simpatia dos arrogantes,
O alimento dos famintos.

Não me é fácil
Poesiar-te.
Um exemplo de amar
Te tornaste.
Por ela sempre lutaste.
A ela somente te entregaste. -

Ainda que fizesse de todos os léxicos,
O meu cardápio diário,
Nunca atingiria o cume
Do que realmente és
Por isso,
Não me é fácil
Poesiar-te.

(Amada Janete "Crlla").

XLIII. Campos vivíparos

Campos vivíparos

Amontoam cachos de uvas

Que nascerão

Solos secos

Alma pólvora

E rosnido de cães

Lá décadas.

(Cikeve. 14-03-2020).

XLIV. Sociedade Sangrenta

Noite escura e parda
Silêncio dominante
No meu âmago
Grito de assobio cortante
Oriundo de gigante espada.

Corpos estendidos no chão
Amontoados por falta de caixão.
Sangue de luto
Jorrando dos pescoços
Inclinados no chão

A escuridão terrivelmente sangrenta
Penetra aos olhos
Que se tornam negros
Antes vistos meigos
Hoje totalmente cegos.

Não percebem de onde vem
A terrível espada com desdém

Os meus olhos vêem
O meu âmago grita
A boca não permite
A sociedade não ouve
O grito terrível assobio
Da gigante espada
Sem limite! -

Não me perdoarei

Vendo esta espada maldosa
Eliminando esta geração bondosa
Como se fosse o único rei.

Não aguentarei ver
Esta última geração
Cortada sem compaixão
E estendida no chão
Por falta de caixão!

Vou revesti-la
Com o meu espírito de metal!
Desta vez não permitirei
Esta maldosa penetração
Nesta bondosa geração.
Vou empresta-la
O meu calor de 850°C.
Derretê-la-ão
Sem piedade nem compaixão
E fá-la-ão
Fortes vestes
E tornar-se-ão
A primeira geração imortal
Deste globo
Onde há mais lobo
E pouco cordeiro.

(Lidex Âmago Solitário. in Solansiedade).

XLV. Infanticídio

Rompeu-se o duplo elo
De mão vazia, dura e ondulada
Apertou à mão fina, lisa e preenchida.
Amargamente soou a melancolia
Da perda obscura do vitelo.

Brotou o sentimento profundo
Do boi que não queria a criança
Do outro lado do mundo.

A mão escorregou com muito salto
Com dois passos atrás
As nádegas pousaram sobre o assento alto
Sem o vapor doce gelado
Os lábios gemeram
Ao disparar do som berrante.

Foi calmamente!
Os lábios apertaram-se
E a velocidade atmosférica
Embateu à barreira carnuda
Rompeu-a forçadamente!

Soou!
Bê! Bê! Bêbada!
Encontrei a velha cobra
Atrapalhada!
Enrolada como cobra
Na coberta -
Com boca aberta.

Tenho a certeza.
Dormiu sobre a criança
Que já não a encontrei com vida!
No lado oposto da clareza
Tive esperança
Quando tanto foi sacudida
Mas de lá constatei
Que estava morta.

(Lidex Âmago Solitário. in Solansiedade).

Galeria Biográfica



Amada Janete "Crlla". Ortónimo: Amada Janete Pereira Tyitenga, nascida no dia 14 de 02 de 1997, província da Huíla/Lubango. Filha de Angelino Martins Álvaro Tyitenga e de Cristina Massanga Pereira. Professora. Estudante de Linguística Português, 2º Ano, ISCED-Huíla.

Amukamba. Ortónimo: António Mundjanga Kabanamgalala, nascido no dia 26 de 08 de 1995, província da Huíla/Lubango. Filho de Filipe Kambangalala e de Paulina Kutala. Mentor do **Movarte-Nambambi**. Professor. Estudante de Linguística Português, 4º Ano, ISCED-Huíla.

Cikeve. Ortónimo: Mateus Tchiqueve Funhete, nascido no dia 28 de 09 de 1996, província do Huambo, Londuimbali/Ussoque. Filho de Paulo Funhete e de Zeferina Chassola. Professor. Estudante de Linguística Português, 4º Ano, ISCED-Huíla.

Gonçalves Malengue Ortónimo: Gonçalves Nunes Calungulungo Malengue, nascido no dia 04 de 05 de 1996, província da Huíla/Lubango. Filho de João Atewa Malengue e de Josefina Câmia. Professor. Estudante de Linguística Português, 4º Ano, ISCED-Huíla.



Jcmm ManMunono. Ortónimo: João Chicambi Mango Munone, nascido no dia 10 de 03 de 1996, província da Huíla/Lubango. Mentor do **Renascer da Arte**. Técnico médio, em Ciências Físicas e Biológicas/Liceu (Lubango).

Lidex Âmago Solitário. Ortónimo: Portácio Tchihalanga Vasco Jongolo, nascido no dia 14 de 07 de 1993, província da Huíla/Lubango. Filho de Guilherme Jongolo e de Felismina Vasco Tchicumbo. Professor e pesquisador literário. Director do **MVH**, autor da obra "A Coruja Preta Mumwila" e da obra "Solansiedade".

Ndaka Yhe Sunga. Ortónimo: Alberto Ngunga Sapalo Tchihaluca, nascido no dia 16 de 03 de 2001, província de Benguela/Benguela. Filho de Paulo Tchihaluca e de Madalena Cassinda. Mentor do **Coração do Povo**. Estudante de Ciências Físicas e Biológicas, 12ª classe/Liceu (Lubango).

Estudante de Linguística
Português, 4º Ano, ISCED-
Huíla.



Paulo Dala.

Ortónimo, Paulo
kulenga Dala,
nascido no dia 16
de 06 de 1994,
Província da
Huíla/Lubango.
Filho de Benedito
Dala e de
Rosália Chaviuca.
Técnico médio,
em Ciências
Económicas e
Jurídicas/Liceu
(Lubango).



Paulo Fernando.

Ortónimo, Paulo
Vissoca
Cachimbombo
Fernando, nascido
no dia 9 de 11 de
2001, província de
Benguela/Lobito.
Filho de Felix
Bongue Fernando
e de Adelina
Joaquina
Cachimbombo.
Estudante de
Ciências
Económicas e
Jurídicas, 11ª
classe/Liceu
(Namibe).



**Poeta
Kambetwa.**

Ortónimo,
Daniel Nangolo
Capewa,
nascido no dia
10 de 12 de
1991, província
da
Huíla/Quipungo.
Professor.
Estudante de
Linguística
Português, 3º
Ano, ISCED-
Huíla.



**Poeta Ingratoh
Sofredor
Casacay.**

Ortónimo, Adriano
Caterça Baptista
Faustino, nascido
no dia 17 de 04 de
1999, Província de
Benguela/Lobito.
Filho de Belchior
Faustino
E de Luciana
Teresa.
Estudante de
Ciências Físicas e
Biológicas, 12ª
classe/Liceu
(Lubango).



**Ramos
D'Cassacili.**

Ortónimo: João Ramos Cassacili António, nascido no dia 27 de 03 de 1999, província da Huíla/Lubango. Filho de João Joaquim António e de Eugénia Isabel Cassacili. Estudante de Filosofia, 2º Ano, ISCED-Huíla.



Sly Fox.

Ortónimo: Adelino Tchimpiambiulu Jongolo, nascido no dia 22 de 11 de 2002, província da Huíla/Lubango. Filho de Guilherme Jongolo e de Felismina Vasco Tchicumbo. Estudante de Ciências Económicas e Jurídicas, 11ª classe/Liceu (Namibe).



**Teodoro Carlos
Simão.**

Ortónimo: Teodoro Carlos Anastacio Simão, nascido no dia 06 de 09 de 1995, província de Cabinda/Bucu-Zau. Filho de Albertino José Simão e de Lúcia Madalena Káfiolé. Mentor dos **A**mantes da **A**rte. Técnico médio, em Ciências Humanas/Liceu (Lubango).

Movimento Vanguarda Huilana

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados ao

Movimento Vanguarda Huilana

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" e na "**SADC**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

